

RELEITURAS *DRAG QUEEN* DE OBRAS RENASCENTISTAS: ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NA CULTURA VISUAL CONTEMPORÂNEA

Maria Clara Pereira dos Santos¹
IAD/UFJF
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

O Renascimento marcou um período importante na história da humanidade, refletindo em mudanças na organização do pensamento sócio-cultural. Na contemporaneidade, a produção artística deste período fornece inspiração para manifestações artísticas contestadoras, subvertendo iconografias cristalizadas como forma de resistência. A pesquisa se debruça sobre essa problemática, tendo como objetivo central compreender como a arte *drag queen* opera reconstruções de imagens consolidadas na história da arte. Para tanto, a análise parte do método comparativo entre foto, vídeo e artes visuais, de releituras feitas por *drag queens* de obras renascentistas, que contestam ideais conservadores ainda perpetuados no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE

Renascimento. Releituras. *Drag queen*. Método comparativo.

O Renascimento foi um período marcado por profundas mudanças socioculturais, iniciado na Itália, no século XV, expandindo-se por toda a Europa promovendo "(...) a ascensão daquilo que hoje chamamos de 'humanismo', com a valorização de uma formação artística (...) que enfatizava cinco matérias em particular, todas referentes à linguagem e à moral: gramática, retórica, poesia, história e ética." (Burke, 2010, p.25)

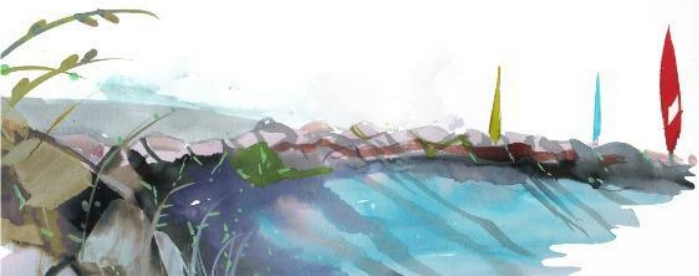
Essas transformações repercutiram em diversas esferas sociais e, notadamente, nas artes visuais, estabelecendo importantes convenções para esta área, conforme pontua Burke:

A visão convencional que o século XIX tinha das artes na Itália do Renascimento (...) pode ser resumida assim: as artes floresceram, e seu novo realismo, secularismo e individualismo demonstram que a Idade Média estava encerrada e que o mundo moderno havia começado (2010, p.23).

O movimento ainda é fonte de inspiração para produções artísticas atuais que propõem discussões sobre preconceitos, violências e desigualdades.

As releituras de obras renascentistas articuladas à contemporaneidade, muitas vezes

¹ Graduanda do terceiro período do curso de bacharelado em Moda da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). <https://lattes.cnpq.br/7521413232480439>



realizadas por grupos sistematicamente olvidados das narrativas canônicas - pessoas negras, mulheres, a comunidade LGBTQIAPN+, incitam novas reflexões e possibilitam a ampliação dos efeitos ocasionados por essas imagens ao longo do tempo.

Dito isso, muitos exemplos podem ser encontrados na *Arte Drag Queen* - uma forma de performance teatral, constituída a partir da criação de uma persona marcada pelo exagero de características tidas como femininas através do uso de perucas, enchimentos e maquiagem forte.

Essa modalidade teatral se alia ao público LGBTQIAPN+ “Durante o século XVIII, devido a mudanças no pensamento da sociedade, acesso à leitura, às novelas e aos demais aspectos culturais, a *drag queen* que havia sido esquecida do teatro e se tornado motivo de piadas deu espaço a sua irmã satírica” (Amanajás, 2014, p.11) tornando-se uma ferramenta de luta pelos direitos da comunidade *queer*.

Através das performances chocantes, a arte transformista demonstra seu caráter político, atraindo a atenção da sociedade para os indivíduos desviantes dos padrões de expressão de gênero impostos socialmente.

Essas obras, sintetizadas pela constituição de imagens novas com intensa referência a tradição artística, formulam novas leituras, capazes de interseccionar criticamente questões como a homofobia, a intolerância e o apagamento da comunidade LGBTQIAPN +. A partir disso, o presente trabalho investiga a arte *drag queen*, objetivando compreender como ela dialoga com a tradição imagética e cria imagens caras a sua comunidade.

A análise através do método comparativo utiliza suportes visuais e audiovisuais (vídeos, fotografias e pinturas). As obras comparadas foram “O nascimento de Vênus” de Sandro Botticelli e “The birth of Plastique” de Plastique Tiara; e “A última ceia” de Leonardo Da Vinci e a cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de 2024 em Paris.

Traçando a comparação, o primeiro par analisado é “O Nascimento de Vênus” de Sandro Botticelli e “The Birth of Plastique” de Plastique Tiara.

“O Nascimento de Vênus” (imagem 1) de Sandro Botticelli retrata Vênus centralizada, emergindo do mar numa grande concha, acompanhada pelos deuses Flora (no lado direito da obra) e Zéfiro, que segura a ninfa Clóris (lado esquerdo da figura).

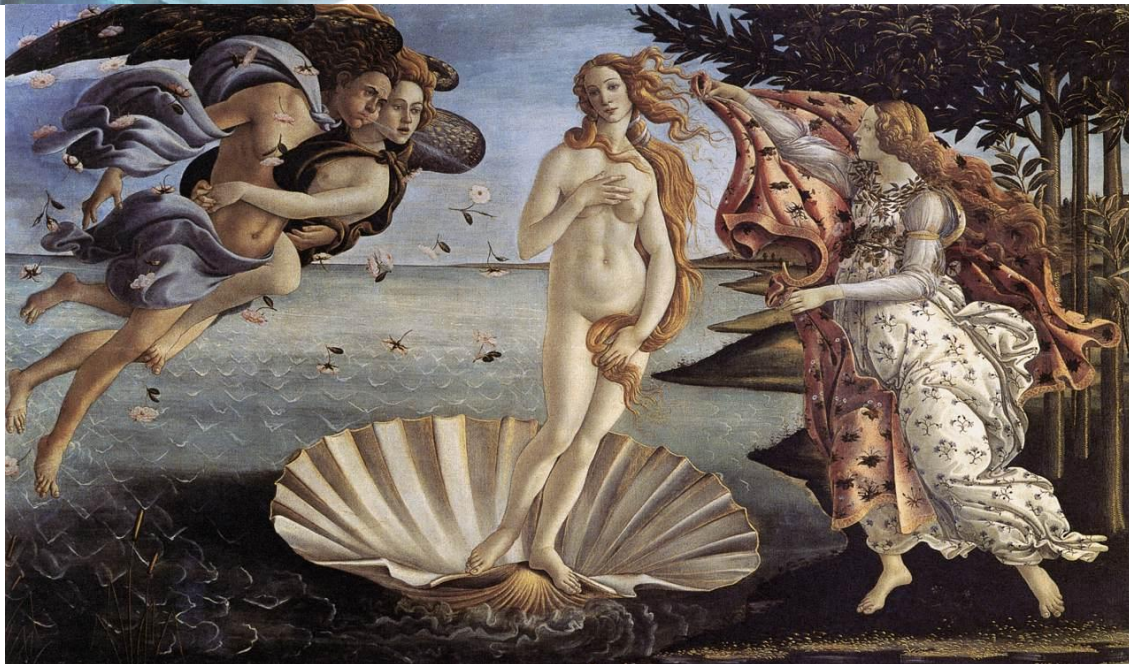


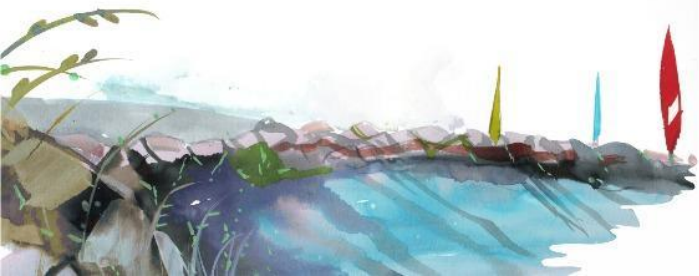
Imagem 1. O Nascimento de Vênus. Sandro Botticelli, 1485. Técnica: têmpera, 173X279cm, Florença, Itália. Disponível em: <https://www.wga.hu/index1.html>

Vênus aparece como símbolo de uma feminilidade idealizada, evidenciando características comumente impostas às mulheres, como leveza, graciosidade e beleza. Até o modernismo, foi recorrente a associação de figuras femininas às deusas ou alegorias nas visualidades (Berger, 2022). Essa estratégia de associação justificava a nudez feminina e a deixava adequada ao pudor do período, característica acentuada pela passividade das figuras femininas - que não olham diretamente o espectador.

O *reality show* “*RuPaul's Drag Race*” consiste numa competição entre artistas transformistas pelo título de “nova *drag superstar*” que passam por desafios semanais, exibindo diversos talentos (atuação, dublagem, dança e a caracterização da persona *drag* a partir da utilização de figurinos nas “provas de passarela”).

No nono episódio da temporada 9 de *RuPaul's Drag Race: All Stars* - edição que concede uma nova chance de vitória a participantes de temporadas anteriores - a prova de passarela “Bring Back My Pearls” consistiu na construção de um visual composto por pérolas. A competidora Plastique Tiara faz uma releitura do quadro de Botticelli na prova “*Bring Back my Pearls*” (“tragam de volta minhas pérolas”) com a composição “*The Birth Of Plastique*”. Ao analisar uma fotografia desse visual (imagem 2) é possível notar a personificação de Vênus no artista, evidente na presença da concha e no próprio título.

Enquanto Vênus de Botticelli, centralizada no quadro, possui uma silhueta em “s”, buscando evidenciar com naturalidade a beleza idealizada do físico feminino, pela perspectiva masculina do pintor, Plastique adota uma conduta distinta. Tiara também apresenta sua graciosidade com uma postura que indica consciência de estar sendo



“olhada”, opondo-se à passividade da deusa pintada por Botticelli. O artista assume um papel de confronto com o observador ao invés de ser apenas um objeto a ser apreciado.



Imagem 2. The Birth of Plastique. Plastique Tiara, 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C9lOfzOOonI/?img_index=1

A releitura evidencia como as imagens podem ser testemunhos da dominação. Na imagem de Plastique, é notória a possibilidade de subversão da perspectiva do feminino submisso, uma vez que esta se trata de um produto de construção sociocultural, como apresentado no trecho:

(...) a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero adequado. (Jesus, 2012)

Contudo, ao ver um performer de gênero masculino no lugar de um símbolo de feminilidade exageradamente estereotipada, surge uma reflexão acerca das múltiplas possibilidades de expressão de gênero e de arte, mostrando como o “feminino” e o “masculino” emergem, muitas vezes, de símbolos e objetos, evidenciando a artificialidade dessas categorias.

O segundo par de obras analisado é “A última Ceia” de Leonardo Da Vinci e o ato “festivité” da performance de abertura das olimpíadas de Paris de 2024. “A Última Ceia” (imagem 3) retrata uma cena bíblica marcante, apresentando Jesus e seus discípulos durante a última refeição antes de sua crucificação.



Imagem 3. Leonardo Da Vinci. 1498. Técnicas mistas, 460 x 880 cm Convento de Santa Maria da Graça, Milão. Disponível em: <https://www.wga.hu/index1.html>

A cerimônia de abertura das olimpíadas de 2024, em Paris, deu bastante enfoque para a celebração da diversidade. Na apresentação, a obra de Da Vinci (imagem 4) é recriada por um grupo de *drag queens*, que se coloca nos papéis dos apóstolos e de Cristo, disposto ao redor de uma mesa na qual é servido um banquete, fazendo alusão à refeição como no quadro de Da Vinci.

Essa ação gerou manifestações polêmicas, principalmente nas redes sociais. Muitos alegaram que tal ato era uma forma de profanação às figuras sagradas, evidenciando uma postura homofóbica contra a arte transformista, vista como desobediência aos dogmas religiosos.

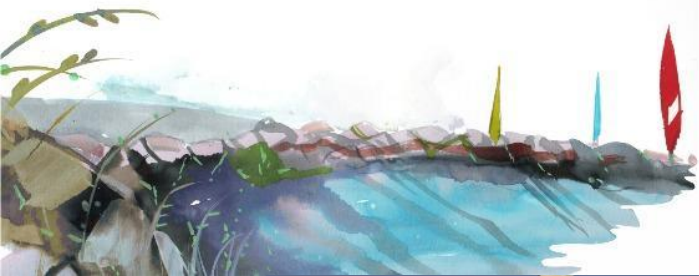


Imagem 4. Cerimônia de abertura das olimpíadas de Paris 2024. Minutagem: 02:08:08. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sme2c26jrdU>

A prática teatral surge na Grécia, operando como um importante instrumento social, permeando várias esferas, incluindo a religiosa, como aponta Igor Amanajás (2014, p.5):

Por volta do ano 1100 d.C., incapaz de controlar as manifestações populares pagãs da sociedade, a igreja decidiu trazer o teatral para dentro de sua casa[...]. À medida em que essas pequenas encenações se estabeleciam e intercalava alguns pontos de comicidade em suas narrativas, a *drag queen* foi, mais uma vez, importada para a cena.

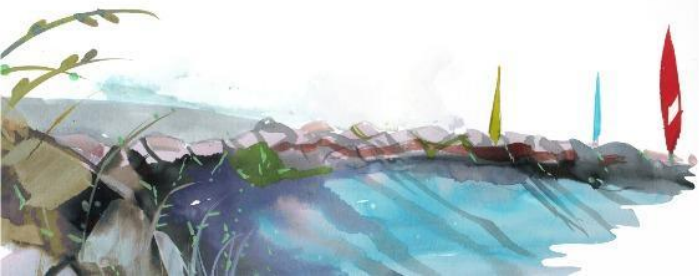
Portanto, nota-se que este tipo de arte não é novidade no meio religioso, explicitando que o incômodo perante a *performance* ocorrida em Paris está atrelado ao desprezo e à subjugação da comunidade *queer*. Tal representação traz desconforto por romper com as narrativas religiosas tradicionais e colocar em discussão a valorização e inclusão de pessoas LGBTQIAPN+.

A colocação de *drag queens* no local de figuras cristãs é uma forma de protesto contra a exclusão de pessoas *queer* de ambientes religiosos, como afirma o jornalista Gustavo Lopes:

Assim como diferentes culturas recriaram essa cena com características que refletem sua própria identidade, as drag queens também têm o direito de se verem representadas na imagem de Jesus e seus apóstolos. Trata-se de uma forma de inclusão, onde todos podem se sentir parte dessa narrativa histórica e religiosa. (Lopes, 2024)

Tal imagem é impactante, uma vez que se relaciona diretamente com grupos minoritários, frequentemente marginalizados e violentados¹.

Apesar de sua importância, o comitê olímpico francês se submeteu à opressão da



opinião pública. A resposta foi de que a recriação seria do quadro “A Festa dos Deuses” (imagem 5) de van Bijlert. No entanto, ao comparar as obras, é nítida a semelhança da performance *drag* e o quadro de Da Vinci.



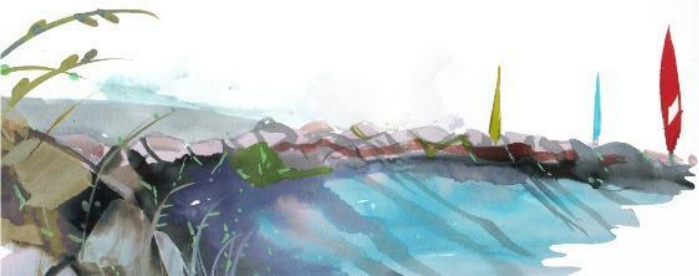
Imagem 5. A Festa dos Deuses. Utrecht J. H. van Bijlert. 1630. 110 X 104 cm. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Festa_dos_Deuses

Na obra de Bijlert, é possível observar deuses da mitologia grega em meio a uma celebração. Na cena apresentada em Paris, não há quaisquer elementos visuais que remetam a essas figuras: o tritão de Poseidon ou seres antropomorfos, por exemplo.

Já ao comparar a performance com a “Última Ceia”, é notória a semelhança: a mesa em primeiro plano, a presença de Jesus Cristo no centro - indicada na apresentação através de um adorno de cabeça, que faz alusão a uma auréola - além da coreografia que indica uma discussão - como retratado na obra de Da Vinci sobre a traição de Judas.

Apesar da contestação, o ato reforça o caráter combativo da arte transformista, expresso na ocupação de espaços comumente negados à comunidade *queer*.

Assim, o presente trabalho, ainda em desenvolvimento, apresenta um breve recorte de como as imagens cristalizadas na cultura visual, aqui exemplificadas através de produções renascentistas, são tensionadas através da releitura e da arte *drag*. Em suas novas formatações, elas trazem ferramentas potentes de subversão imagética, possibilitando reflexões sobre gênero e sexualidade. Quando interpretadas pela arte *drag queen*, essas obras consistem em um local de resistência e transgressão de valores enraizados na sociedade, propondo revisões ainda necessárias na



contemporaneidade.

A arte *drag* demonstra um vocabulário visual e poéticas próprias, compondo um campo fértil para estudo das visualidades, além de assumirem através do humor, da releitura, da hipérbole, da ironia, entre outros, formas inéditas de pensar as imagens e o social.

Referências

AMANAJÁS, Igor. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**, v.16, n.3. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2014.

BERGER, John. **Modos de ver** [livro eletrônico]. Tradução de Hugo Mader. São Paulo: Fósforo, 2022.

BOTTICELLI, Sandro. **The Birth of Venus**. 1485. Tempera on canvas, 173 x 279 cm Galleria degli Uffizi, Florence. Disponível em: <https://www.wga.hu/index1.html> . Acesso em: 31 maio 2025.

BURKE, Peter. **O Renascimento Italiano**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2010.

CAZÉTV. **Transmissão completa**: cerimônia de abertura das olimpíadas de Paris 2024. 05:12:25. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sme2c26jrdU> . Acesso em: 31 maio 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero** : conceitos e termos. Brasília, 2012.

LOPES, Gustavo. A inclusão em cena: uma análise da polêmica na abertura da Olimpíada de Paris. **Lei em Campo**, 2024. Disponível em: <https://leiemcampo.com.br/a-inclusao-em-cena-uma-analise-da-polemica-na-abertura-da-olimpiada-de-paris/> . Acesso em: 03 fev. 2025.

OLIVEIRA, Ingrid; CÂMARA, Rafael. Dia Internacional das Drag Queens: a arte que desafia padrões. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/dia-internacional-das-drag-queens-a-arte-que-desafia-padroes/> . Acesso em: 03 fev. 2025.

TIARA, Plastique. 2024. **The Birth of Plastique**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C9IOFzOOonl/?img_index=1 . Acesso em: 31 maio 2025

VINCI, Leonardo Da. **The Last Supper**. 1498. Técnicas mistas, 460 x 880 cm Convento de Santa Maria da Graça, Milão. Disponível em: <https://www.wga.hu/index1.html> . Acesso em: 31 maio 2025

Notas



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

1. Como demonstra a oitava edição do “Dossiê: Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras” realizada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Publicado em 2025, o documento aponta o cenário nacional alarmante, já que o Brasil aparece como o país que mais assassina pessoas trans no mundo pelo décimo sexto ano consecutivo.